**SERÁ QUE A PJ DESAPARECERÁ NO FUTURO PRÓXIMO?**

**Jorge Boran cssp**

****

A inspiraçao para esta carta surgiu a partir de um debate provocado pelo Pe. Onivaldo Dyna na internet, há alguns meses. Onivaldo **descreveu em termos muito concretos a situação de crise**, desânimo e abandono da PJ nas dioceses da sua região, no interior de São Paulo. Ele faz a **proposta de abrir um debate** sobre o tema para entender a atual conjuntura e tentar apontar pistas de superação para os atuais empasses, neste ano em que estamos celebrando os 40 anos da PJ no Brasil. Houve 392 comentários sobre o assunto nos primeiros dias. É um número considerável, pois as pessoas quase nunca comentam, só curtem ou visualizam. Portanto, trata-se de um assunto que não podemos ignorar. A proposta teve, também, como objetivo refletir mais sobre os acontecimentos que envolvem a evangelização da Juventude, principalmente a pensada pela Comissão Episcopal para a Juventude.

Fui convidado a participar deste debate na internet como pessoa que trabalhou como assessor nacional da CNBB, no início da organização nacional da Pastoral da Juventude e no período da elaboração e fortalecimento do seu projeto pastoral. No momento participo de uma equipe de subsídos da CNBB e participei da equipe de metodologia do Encontro de Revitalização da Pastoral Juvenil no Brasil, em dezembro 2013. Continuo trabalhando com a PJ, sobre tudo através dos cursos de CDL em diferentes dioceses no Brasil (mais de 80 dioceses passaram pela experiencia). Aplicamos o CDL também para jovens ligados ao setor juventude de algumas dioceses. Tambem presto assessoria para congregações religiosas e dioceses.

Infelizmente este texto ficou um pouco longo e espero que tenha paciência para chegar ao final onde coloquei algumas propostas de superação da atual crise. Fazer um texto menor não ia captar a complexidade da atual situação. Frequentemente, a falta de **uma boa sistematização provoca asensação de estarem perdidos numa terra estranha onde não há placas e onde não dominamos o idioma**. A proposta do texto é de propor um mapa para ajudar a encontrar caminhos.

1. **O termo “Pastoral Juvenil”**

Neste texto quero comentar a polêmica sobre o uso do **termo “Pastoral Juvenil**”, a **crise em nível local**, a **crise em nível nacional**, os **diferentes cenários que a PJ vai enfrentar** no futuro e, no final, algumas **propostas de superação** da crise.

Uma das questões levantadas no debate na internet foi sobre o uso do termo “Pastoral Juvenil” pela CNBB. Não sou perito sobre este assunto, mas vou tentar descrever como vejo o uso do termo na atual conjuntura da Igreja.

**No passado o termo “Pastoral da Juventude” foi usado de maneira ambígua**, inclusive nos documentos da Igreja. Ora significava a “PJ” com sua metodologia, mística e modelo de Igreja, ora incluía também os movimentos. Na preparação do documento 85 discutimos essa ambiguidade, mas decidimos que não era o momento de mexer com isso. **Historicamente a PJ teve hegemonia no Setor Juventude da CNBB** a partir de um encontro nacional em 1985, que iniciou um processo de organização pastoral, em nível nacional e que priorizava os grupos paroquiais e coordenações diocesanas. As outras expressões não existiam ou tinham pouco peso na Igreja da época ou encontravam dificuldade para participar da pastoral orgânica.

Com o tempo, outras “expressões” foram se fortalecendo e esta maneira de organizar a ação evangelizadora dos jovens, na CNBB, não dava mais conta da tarefa. Os bispos pressionavam para fazer uma mudança para outro modelo mais inclusivo. Hoje se fala de quatro expressões: PJs, Movimentos eclesiais, Congregações religiosas e Novas Comunidades. Por isso o **Documento 85 apresenta uma nova maneira de organizar** a ação pastoral que se chama **“Setor Juventude”.** Deixa claro que o Setor Juventude não quer eliminar as diferentes expressões, mas sim respeitar os diversos carismas, metodologias e espiritualidades e que todos devem ter um horizonte comum que é o projeto pastoral descrito no Documento 85. O desafio é **acolher o pluralismo**, que é uma marca da sociedade pós-moderna e da Igreja hoje e, ao mesmo tempo, **manter uma linha pastoral comum**.

**O lado positivo para a PJ** é que não pode ser mais responsabilizada por todas as dificuldades de evangelizar os jovens hoje. Também, a perda de hegemonia significa que as PJ’s têm que trabalhar num ambiente pluralista. **A concorrência faz bem.** Para avançar há necessidade de ser competente no trabalho pastoral. É como na economia, a pior coisa é o monopólio que aumenta os preços e abaixa a qualidade para o consumidor.

Acredito que a ideia de adotar o termo “Pastoral Juvenil” foi reforçada no contexto da resistência de alguns setores da PJ Nacional de aceitar a participação de representantes dos movimentos no 3º Congresso Latino-Americano de Jovens, **em** Venezuela, em 2010. Pouco a pouco foi se descobrindo que o termo mais usado nos países de língua espanhola foi “Pastoral Juvenil” que incluiu também a participação de representantes dos movimentos.

O rodapé do documento “Pastoral Juvenil no Brasil, identidade e horizontes”, Estudos da CNBB 103 (p. 95) explica a origem e motivação do uso do termo: “Como no passado toda a ação oficial da Igreja do Brasil, em vista da juventude, se chamava Pastoral da Juventude, as expressões em espanhol “Pastoral Juvenil” e “Pastoral de Juventude nos documentos latino-americanos foram sempre traduzidas para o português como “Pastoral da Juventude”. Hoje, ao pretender envolver mais intensamente todas as expressões juvenis na caminhada latino-americana, a tradução daquelas expressões para a nossa língua passa a ser “Pastoral Juvenil”. Observa-se ainda que, no Brasil, a sigla “PJ” se refere exclusivamente à Pastoral da Juventude” e não à “Pastoral Juvenil”.

Alguns argumentam que o Documento 103 tem como finalidade substituir o Documento 85. Não vejo assim. O **Documento 103 me parece uma descrição das diferentes “expressões**” que trabalham na evangelização da juventude no país hoje. Inclui as PJs. A descrição de cada uma é feita a partir de documentos e textos publicados anteriormente. O documento tem muita aceitação dos bispos, porque descreve a complexidade do processo de evangelização da juventude neste momento e que não dominavam.

**ENCONTRO DE REVITALIZAÇÃO.** No mês de dezembro participei do **Encontro de Revitalização da Pastoral Juvenil no Brasil** (**Brasília, 11 a 15 de Dezembro de 2013).**

O encontro foi planejado para continuar a evangelização da juventude no Brasil, garantindo as orientações do documento 85, **aproveitando os elementos positivos da preparação e da realização da JMJ.** Fazia parte de uma proposta anterior da CNBB que a Jornada não podia ser um ponto de chegada, mas sim uma atividade importante na evangelização dos jovens. A continuidade era importante. O encontro teve a finalidade de planejar as atividades de evangelização dos jovens no Brasil e foi **promovido pela Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB junto com a coordenação Nacional** de jovens, que incluiu as quatro PJs (PJ. PJE, PJR, PJMP).

O Encontro seguiu o método Ver Julgar Agir. Participei como membro da equipe de metodologia e fui também convidado para fazer a palestra do Julgar, “Os quatro pilares da Evangelização da Juventude no Brasil”. **A palestra complementa e aprofunda diferentes temas abordados aqui**. Está no site dos Jovens Conectados, embora esteja faltando a parte final. Trata-se também de uma versão não corrigida. A palestra corrigida e atualizada pode ser encontrada no site do CCJ: [www.ccj.org.br](http://www.ccj.org.br)

Participaram 350 pessoas, representando 160 dioceses e diversas expressões juvenis ligadas às Pastorais da Juventude (67 pessoas), aos Movimentos Eclesiais (50 pessoas), às Novas Comunidades (40 pessoas), às Congregações Religiosas (38 pessoas). Participaram também 15 bispos referenciais dos regionais. A síntese dos trabalhos e o material utilizado durante todo o encontro encontram-se disponibilizados no site [www.jovensconectados.org.br](http://www.jovensconectados.org.br).

No final os participantes elaboram **pistas de ação para os diferentes níveis:**

- cada expressão (PJs, Movimentos, Novas Comunidades, Congregações);

- para os regionais da CNBB e

- para o nível nacional.

As pistas tiveram como base as oito linhas de ação elencadas pelo Documento 85 da CNBB: formação integral, espiritualidade, pedagogia de formação, discípulos para a missão, estruturas de acompanhamento, ministérios da assessoria, diálogo fé e razão e direito à vida. Houve avaliação muito positiva do encontro, por parte da maioria dos participantes.

Neste contexto se percebe que o termo “Pastoral Juvenil” veio para ficar.

**O desafio para a PJ é de trabalhar neste novo contexto de pluralismo pastoral e contribuir** para um caminho que abrace cada vez mais a opção libertadora pelos pobres. Sem, ao mesmo tempo, diluir ou perder sua identidade. O trem já saiu da estação, dificilmente a Igreja voltará atrás. Quem sobe nele pode influir na evolução futura. Quem não subir, corre o risco de ficar na beira da estrada, lamentando o isolamento.

1. **Crise na PJ**
2. **Crise em nível local**

O valor da contribuição do Onivaldo foi de **descrever a crise vivida pela PJ em muitas dioceses**. Há tendência, em alguns setores da PJ, em esconder a crise ou negá-la na esperança que a crise se resolva por si mesma. Outros têm dificuldades de colocar a crise na pauta, porque não estão mais conectados com as bases da PJ nas comunidades. Portanto, não têm como resolver os impasses.

A descrição objetiva da crise nas dioceses e, sobretudo, na base da PJ nas paróquias é o primeiro passo para encaminhar soluções. São poucas as pessoas hoje que negam a crise e quem nega a crise não está mais em contato com a base, com a comunidade eclesial.

* **Há lugares onde os coordenadores jovens são heróis**, porque **não contam com apoio**. Falta-lhes apoio de assessores adultos. Frequentemente faltam-lhes experiência e capacitação para exercer sua função de coordenação. A geração anterior não passou o bastão para eles. Admiro profundamente sua dedicação. Hoje estão sendo vítimas de um sistema que não ajuda. Portanto, a descrição da crise, a seguir, não pode ser entendida como culpa dos jovens.
* Frequentemente, a **assessoria de adultos é substituída por jovens** que se auto elegem assessores. Mas, não conseguem exercer o papel de assessor, **de fazer ponte com a instituição, com os padres e com o bispo**. O fato de não têm reconhecimento oficial, “queima” o jovem. O assessor jovem é importante desde que trabalhe em equipe com assessores adultos. Vejo o **assessor adulto como um técnico de equipe de futebol**. O técnico não entra no campo para jogar, mas sem o técnico não se ganha um campeonato. Há necessidade de estratégia para envolver e conquistar assessores adultos. Mas, em muitos lugares, há crise também de assessores adultos. Quando não há assessor adulto que possa ajudar temos que **partir para a conquista e capacitação de assessores**. porque, colocar um assessor que não ajuda pode piorar a situação. A **PJ do Maranhão**, por exemplo, está fazendo esta opção. Já planejou um curso para 100 assessores de três etapas: começou em setembro de 2013 e vai até setembro de 2014, com formação à distância entre as etapas.
* **Em algumas dioceses a crise é mais aguda**. Há **foranias onde a PJ desapareceu**, há **dioceses onde a PJ está reduzida a um pequeno grupo de “dinossauros**” que não conseguem mais entender ou motivar os grupos de adolescentes da última geração digital que estão nas paróquias. Os adolescentes parecem de outro planeta para eles. **Há representantes que não representam**. Em muitos lugares **não se faz mais o acompanhamento sistemático** de processos grupais e pessoais de educação na fé e de formação da consciência. Faz-se opção por uma **pastoral de eventos**.
* Numa situação de crise há uma tentação de esconder a cabeça na areia ou **procurar um “bode expiatório”.** A leitura que se faz da conjuntura é muito importante. Se a leitura está errada o diagnóstico da situação e as pistas de superação dos impasses estarão erradas. Um médico que **faz um diagnóstico errado e receita um remédio que elimina a dor pode estar matando o paciente**. Não elimina a causa mais profunda. É como jogo de futebol, se fizer a leitura errada do jogo não marca gol.

Temos que **evitar uma leitura da situação que seja maniqueísta** (nós somos os bons e outros são os maus). **Uma carta recente na internet faz a seguinte leitura** da situação de crise na PJ: “muitos padres, assessores, militantes, estão sendo caluniados, difamados, se tornando motivos de chacota e por fim, excluídos. E por quê? Porque acreditam e amam a Igreja dos Pobres, a Pastoral da Juventude!” Falta uma análise mais objetiva, menos emocional, que capta a complexidade da situação e a correlação de forças e aponta um caminho para frente, que não seja um caminho de suicídio.

Não acho generalizada a situação descrita acima. Claro que há situações em que esta descrição é verdadeira. Mas, mesmo assim, em cada situação tem que analisar se os motivos é a opção pelos pobres ou falta de estratégia para avançar uma causa ou até problema de personalidades, ou pessoas desligadas da base que não querem largar o poder.

O problema em muitos lugares **não é a perseguição, mas a indiferença**. Os jovens caminham sozinhos sem assessoria religiosa que pode fazer a ponte com a instituição nos momentos de conflito. Estamos num momento, também, em que os bispos encontram **dificuldade de encontrar padres, irmãs, irmãos e leigos adultos para acompanhar** sistematicamente processos grupais de educação na fé e de crescimento da consciência e do compromisso.

É importante não negar ou fantasiar a realidade, mas, ao mesmo tempo, precisamos oferecer saídas. Porque **somente o negativismo pode paralisar e desanimar as pessoas**. O Vaticano II diz que “o futuro pertence às pessoas que oferecem razões de esperança".

**Há dioceses, normalmente do interior, onde a PJ está bem.** Essas dioceses mostram que o problema não é a metodologia da PJ, que é ultrapassada. Nas dioceses em crise a metodologia é substituída pela superficialidade e uma pastoral de “fazer de conta**”. Esperamos apontar soluções no final** deste texto.

1. **Crise em nível nacional**
2. **Conflito com a CNBB**

Há outro assunto, difícil e delicado, que queria abordar. Penso que, no momento, é o **maior obstáculo para o crescimento da PJ em nível nacional** e, com tempo, o problema vai passando aos poucos para as dioceses, dificultando ainda mais o esforço de revitalização da PJ em nível local. Há um conflito forte entre algumas pessoas, em nível nacional e Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude e o Setor Juventude daCNBB. Este conflito não é mais segredo, embora muita gente na base começa a tomar conhecimento somente agora. Com tempo, esta imagem negativa vai filtrando para baixo, até os bispos diocesanos, dificultando ainda mais o trabalho com a PJ.

Estamos num ponto em que as relações estão muito desgastadas e não há mais um ambiente de confiança. Elemento fundamental para qualquer diálogo. Uma politica de empurrar possíveis aliados para a oposição não é muito inteligente. A versão propagada tenta abafar outras versões. Não acredito que a estratégia adotada representa a vontade da maioria das lideranças da PJ. Trata-se de uma estratégia que contribui para o enfraquecimento o projeto da PJ, mais do que qualquer ameaça que possa vir de fora. Às vezes, tentativas de diálogo na base do discurso não convencem, porque ações do passado apontam em outra direção. Para reverter esta imagem não basta protestar que não é verdade. Há necessidade de ações que conquistam credibilidade. Um discurso que não está coerente com as ações não convence. É difícil solucionar um conflito quando se perde credibilidade num relacionamento.

**Às vezes, se propaga a versão simplista que há dois lados**: as pessoas que acreditam na Igreja dos pobres e as pessoas que apoiam uma Igreja Clerical, que não apoia a luta dos pobres.

**Há outras versões que precisamos colocar aqui para facilitar um debate maduro** e fazer uma avaliação objetiva. O debate pode facilitar a evolução de estratégias mais inteligentes e maduras na administração dos conflitos.

Às vezes, há a impressão de um **patrulhamento ideológico** onde não temos acesso aos dois lados das questões, antes de decidir por uma ou por outra síntese dos dois lados. A sensação de que decisões, eleições... **são conchavadas antes provoca reação** negativa. Ninguém gosta de sentir que está sendo enganado. Com o tempo, o outro lado sofre a tentação de adotar atitudes semelhantes para se defender.

**Outra fonte de conflito também pode ser a política.** O Papa Francisco e PJ incentivam os jovens a participarem da política, mas também adverte que a pastoral é mais do que uma ONG piedosa. Falando para os bispos do CELAM durante a Jornada Mundial no Rio, o Papa falou sobre a importância de evitar os reducionismos, reduzindo a pastoral:

* a uma **proposta psicologizante**,
* a uma **proposta espiritualista** ou
* a uma **proposta politizante**.

Há a tentação de encarar a PJ ou a Igreja como apenas um espaço político para conquistar credibilidade frente a um partido. **Devemos incentivar os jovens a participarem da política, mas há necessidade também de respeitar a especificidade e autonomia da pastoral frente aos partidos.** Isso também para o bom fortalecimento da sociedade civil – único caminho para a transformação social verdadeira.

Há a impressão em certos setores da Igreja que há tentativas de aparelhar a PJ Nacional e que pessoas são chamadas a carimbar decisões tomadas em segredo sem ter acesso a todas as informações e sem um processo aberto.

**Os peritos sobre administração de conflitos nos ensinam que os conflitos fazem parte da convivência humana, mas não podemos ignorá-los**. A maneira como administramos os conflitos **pode ser fonte de crescimento e de abertura para novos horizontes ou pode criar um ambiente insuportável ou destruir tudo**. Os peritos advertem para a **opção de não fazer nada**, quando não se administra os conflitos com habilidade os **efeitos numa organização podem ser devastadores.** As pessoas se afastam ou se tornam apáticas, indiferentes e amarguradas. O dano emocional causado pode ser severo, a confiança desaparece. Em algumas situações o clima fica tão carregado, que qualquer tipo de cooperação se torna impossível. Os ataques enfocam pessoas e não as ideias. As declarações são dogmáticas, as palavras ofendem, as opiniões são fixas e o nível emocional é alto. Pessoas que tentam entender o outro lado são tratadas com traidores. O conflito pode provocar uma energia negativa forte e destrói as pessoas emocionalmente. Em situações extremas, a falta de habilidade para administrar o conflito pode destruir a organização.

Os peritos apontam para **diferentes estratégias** que vão desde o diálogo, ignorar o conflito, colocar “panos quentes” ou a opção de vencer medindo forças com o outro lado. A estratégia escolhida vai depender de um diagnóstico do grau de cooperação que se pode esperar do outro lado. **Quando não há confiança entre os dois lados a tentação é de escolher a última opção, a de medir forças**.

**Faço uma leitura diferente da conjuntura da Igreja** hoje. Com diálogo, transparência e honestidade conseguiremos **abrir muitas portas** para fortalecer o projeto da PJ hoje. Acredito que seja a posição da maioria dos jovens. Creio que quando há um ambiente de confiança e transparência, as dificuldades que surgem são resolvidas. Esta tem sido minha experiência na Igreja e já passei por muitos conflitos na instituição. Agora com o novo papa se abre mais portas.

**Acho bom que diferentes leituras da conjuntura da PJ possam ser debatidas, com objetividade**, para que os jovens possam ter acesso a outros pontos de vista e assim tirarem suas próprias conclusões, como protagonistas do seu próprio processo de educação na fé. Uma educação para a libertação exige esta postura. Somente em um processo maduro assim a Pastoral da Juventude possa crescer e conquistar credibilidade. Nossa opção é por uma educação que seja libertadora e não domesticadora.

A administração do conflito é tarefa urgente em qualquer organização. Com a Pastoral da Juventude temos uma motivação a mais, **a dimensão da fé.** **Estamos na Igreja por causa da opção por Jesus Cristo** e o projeto da Igreja e não por causa de um leigo, padre ou bispo, por melhor que ele seja. A Igreja é **nossa família e** pelo sacramento do batismo somos corresponsáveis por ela. Sem a instituição, que é composta de santos e pecadores, não há continuidade no tempo. **Temos que ser críticos dos erros da Igreja, mas também trabalhar a comunhão, a eclesialidade**. A **preocupação com a unidade é justa**. Qualquer organização, como dizia Jesus, que está dividida vai ser facilmente vencida pelo inimigo. A questão é que tipo de unidade? Não precisa ser uniformidade. Joao XXIII dizia: “Unidade nas coisas essenciais, divergência nas coisas secundárias e sobre tudo a caridade”.

**Leonardo Boff faz a seguinte consideração**: “Não queremos que cristãos cultivem este sentimento de descaso e de indiferença. Por piores que tenham sido seus erros e equívocos históricos, a instituição Igreja guarda a memória sagrada de Jesus e a gramática dos evangelhos. Ela prega libertação, sabendo que geralmente são outros que libertam e não ela. Mesmo assim vale estar dentro dela, como estavam São Francisco, dom Helder Câmara, João XXIII e os notáveis teólogos que ajudaram a fazer o Concílio Vaticano II e que antes haviam sido todos condenados pela ex-inquisição, como De Lubac, Chenu, Congar, Rahner e outros. Cumpre ajuda-la a sair deste embaraço, alimentando-nos mais do sonho de Jesus de um Reino de justiça, de paz e de reconciliação com Deus e do seguimento de sua causa. A indignação pode cair facilmente no farisaísmo e no moralismo”.

**Estas são as impressões que existem** em diferentes setores da Igreja. Podem ser verdadeiras ou falsas. O que não pode é ignorá-las, mas, sim **enfrenta-las num debate transparente e honesto, sem conchavos e agendas secretas.**

N**ossa causa maior deve ser a defesa e o fortalecimento de um projeto pastoral que acreditamos e abrir mão de projetos de poder pessoal e atitudes que dividem em vez de somar.** O **confronto das posições e ideias, à luz do dia, às vezes, é duro, mas é a única estratégia** que fortalece um processo mais maduro, mais democrático e mais evangélico e abre portas para fortalecer o projeto da PJ. Nesse processo, t**emos que buscar aliados que possam ajudar em vez de hostilizar e afastá-los.**

1. **Evitar a armadilha de uma Pastoral somente de Eventos**

Há, também, a impressão que a PJ Nacional se limita a uma pastoral de eventos. Precisamos priorizar **também à volta às bases e o acompanhamento sistemático** de processos grupais de evangelização dos jovens e a formação de líderes. Sei que não é fácil na atual conjuntura. Precisamos aprender com a lição do povo na rua que cercaram os palácios das prefeituras e governadores estaduais e o congresso nacional, símbolos das **cúpulas desligadas das bases.**

Caso contrário não se estabelece um ambiente de confiança mútua, que é fundamental para avançar. Temos que tomar cuidado de não gastar energia buscando um “bode expiatório” para encobrir nossa falta de acompanhamento de grupos e pessoas na base, e a capacitação de lideranças e assessores adultos. Uma pastoral somente de eventos que não forma liderança e não garante a continuidade.

No início, usei o título provocativo, **“A PJ desaparecerá no futuro próximo”? Precisava motivar o leitor para chegar ao final deste longo texto. A resposta dependerá de três cenários no futuro**

**HÁ DIFERENTES CENÁRIOS POSSÍVEIS PARA O FUTURO**

Alguns cenários já estão acontecendo, outros vão ser fortalecidos nos próximos anos.

1. **Nas dioceses onde a PJ está bem a tendência é de continuar crescendo**.

Os coordenadores **jovens têm o apoio de assessores religiosos** e um bom relacionamento com a diocese. Têm **habilidades para administrar os conflitos** que surgem, de maneira que levam ao crescimento e não ao enfraquecimento da pastoral. Trabalha o **projeto de vida pessoal e pastora**l. Os eventos organizados **são bem sucedidos, porque são bem preparados**. Há **acompanhamento sistemático de processos** grupais de educação na fé. Há um plano de **formação constante de novos líderes** para atender as exigências crescentes e substituir as lideranças que vão saindo por diferentes motivos. Um **sistema de mandatos e de eleições** que é conduzido a partir de avaliações e levantamento de criteria, garante a continuidade e a escolha dos melhores líderes para conduzir o processo de evangelização. Nas dioceses onde o **Setor Juventude** está organizado, as lideranças da PJ cooperam e, às vezes, lideram os eventos que contam com a participação das outras “expressões” como movimentos, congregações religiosas e novas comunidades. Sabem trabalhar o pluralismo sem diluir ou perder sua identidade. Há apoio de assessoria religiosa, mas quem puxa o trem frequentemente são jovens idealistas que fazem grandes sacrifícios para preparar bem e acompanhar as atividades planejadas.

Através dos Cursos de Dinâmica para Líderes **(CDL)** estamos em contato com varias dioceses assim. **Um exemplo é a diocese de Ji-Paraná.** Nos últimos anos **a PJ da diocese de Ji-Paraná** vem organizando cursos de CDL, para atrair e capacitar novas lideranças. No ano passado organizou, também, o CDL Musical. Agora, junto com a coordenação da PJ do Regional Norte, organiza o CDL-Nivel-2, nos dias 7 a 9 de fevereiro, 2014, para as lideranças das PJ das dioceses do estado de Rondonia. O curso será administrado por uma equipe de quatro monitores de São Paulo e uma equipe local que já participou do CDL Nacional-2º Nível em 2013.

Os cursos são instrumento pedagógicos usados pela PJ diocesana. A organização dos cursos é possível porque há uma PJ onde o jovem é protagonista não somente no papel mas também na realidade. A PJ é forte porque segue a metodologia da PJ.

1. **Há Dioceses onde a tendência é de articular somente o Setor Juventude ou Pastoral Juvenil.**

**Quando a PJ é visto como pedra no caminho** a opção de muitas dioceses não é de enfrentamento, mas de **abrir outra estrada do lado e ignorá-la.** Esta opção pode ser provocada, conscientemente ou inconscientemente, por **vários motivos**. A PJ é vista como uma **pequena equipe de jovens sem base e sem assessoria** religiosa, e sem capacidade de acompanhar o processo de evangelização dos jovens nas comunidades e avalia-se que não vale a pena investir nela. A **imagem negativa que vem de conflitos não resolvidos no passado** ou **reflexo dos conflitos nacionais** pode ser outro fator. A **falta de assessoria religiosa que possa fazer a ponte** com a instituição dificulta o esforço de **jovens com muito boa vontade e idealismo de retomar** o verdadeiro projeto da PJ. Neste contexto há tendência crescente de muitas dioceses de fazer a opção de **articular somente o Setor Juventude.**

Esta opção pode ser motivada também pela falta de assessores religiosos dispostos a trabalhar com a PJ. **A estratégia da PJ, em muitos lugares, de não se preocupar com a conquista e capacitação de assessores religiosos** e substituí-los por assessores jovens sem experiência e peso na instituição ou leigos adultos que não mais fazem parte do processo eclesial, tende a jogar a PJ num isolamento cada vez maior. Há também hoje muitos **grupos paroquiais sem identidade** ou com ligação com um ou outro movimento. Nessa situação a tendência é de articular estes grupos de outra maneira, porque **PJ não é mais vista como uma opção** viável. Com tempo, em alguns lugares, esta articulação pode ser chamada de Pastoral Juvenil para distingui-la da PJ.

1. **Revitalização da Pastoral da Juventude**

Neste terceiro cenário podemos encontrar energia, esperança e mística para criar um novo momento na PJ. Na **Ampliada Nacional da PJ** as lideranças da PJ vão estar reunidas em Belo Horizonte no final de janeiro para

Estamos celebrando os **40 anos da Pastoral da Juventude**. É bonito ver o entusiasmo, mística e compromisso com um projeto pastoral elaborado durante 40 anos, com o suor, ideias e a dedicação de diferentes gerações de jovens e assessores, e perceber sua relevância para os desafios de hoje. Há uma **experiência acumulada**, de lições aprendidas e de pedagogia que precisamos levar em conta. **O passado é fonte de inspiração** e identidade. Porém não podemos ficar na nostalgia do passado. **Há novos caminhos a serem percorridos**. **É como retrovisor de carro**: é difícil dirigir sem olhar para o que vem atrás, mas, também, se não olharmos para frente corremos o risco de sair fora da estrada ou sofrer um acidente fatal.

A Coordenação Nacional, A Ampliada Nacional e o Encontro Nacional da PJ podem ser apoio importante para o trabalho de revitalização nas dioceses e nas bases desde que consiga fazer leitura da conjuntura atual que possa ajudar a avançar. Em cada época há necessidade de ler os sinais dos tempos e fazer novos ajustes.

. **Mas as pistas mais importantes de superação da crise surgem em nível local**. Onde há algumas **iniciativas pedagógicas bem sucedidas presenciamos o despertar de novas lideranças** que conseguem reerguer um projeto pastoral capaz de empolgar e despertar o espirito missionário.

Não há fórmula mágica que exclui o acompanhamento sistemático das equipes de coordenação e das bases. Devemos estar dispostos a investir num plano em longo prazo que

* **Trabalha a capacitação técnica. Temos hoje uma geração que não foi preparada pela geração anterior para assumir a condução do processo.**
* **Trabalha juntos a Pastoral de Eventos Massivos e a Pastoral como Processo**
* **Prioriza a conquista e capacitação de assessores adultos**
* **Prioriza a formação de líderes jovens**
* **Motiva a Volta às Bases: A formação e acompanhamento de grupos de jovens como células vivas do processo de evangelização.** "**Que cada grupo de jovens da PJ ajude a criar outro grupo em comunidades que não tem grupo**"; esta é a prioridade da PJ do maranhão desde 2010 e dá muito resultado. É simples e funciona. "Ide, sem medo, para servir" diz o papa Francisco. **A nova tecnologia da informática pode ser um aliado importante nessa tarefa.**

**Conclusão Nacional**

Plantamos hoje, mas não podemos esperar frutos, logo amanhã. Há necessidade de paciência, de um plano a curto e longo prazo. Somos semeadores, que preparam a terra boa para receber as sementes da Palavra. Há necessidade de adubar, regar e de cuidar da planta que é a Pastoral da Juventude para que haja fruto. Precisamos aproveitar os ventos favoráveis criados pela CF, JMJ e chegada de nosso novo Papa Francisco, muito querido pelos jovens e que convoca os para ajuda-lo na tarefa de renovação da Igreja e da sociedade.

 Nessa tarefa não estamos sozinhos. Confiamos na força do Senhor como confiava o profeta Ezequiel, no Antigo Testamento: “Darei para vocês um coração novo, e colocarei um espirito novo dentro de vocês. Tirarei de vocês o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne” (Ez 36, 26). Caminhamos com Jesus, como caminhava com os discípulos no caminho para Emaus. Podemos fazer nossos a reflexão de Bento XVI ao renunciar para abrir caminho para um novo papa com melhor saúde e mais energia: “Estamos no barco de Jesus onde há momentos de alegria e de luz, mas, também, momentos difíceis... Senti-me como São Pedro e os apóstolos no barco, no Mar da Galileia. O Senhor nos deu muitos dias de sol e brisa leve, em que a pesca foi abundante. E momentos em que as águas estiveram agitadas, e o vento, contrário, como em toda a história da Igreja, em que o Senhor parecia dormir. Mas eu sempre soube que naquele barco estava o Senhor e que o barco não era meu, nem de vocês, mas Dele, que não o deixa naufragar.”

**Publicação em 2014**